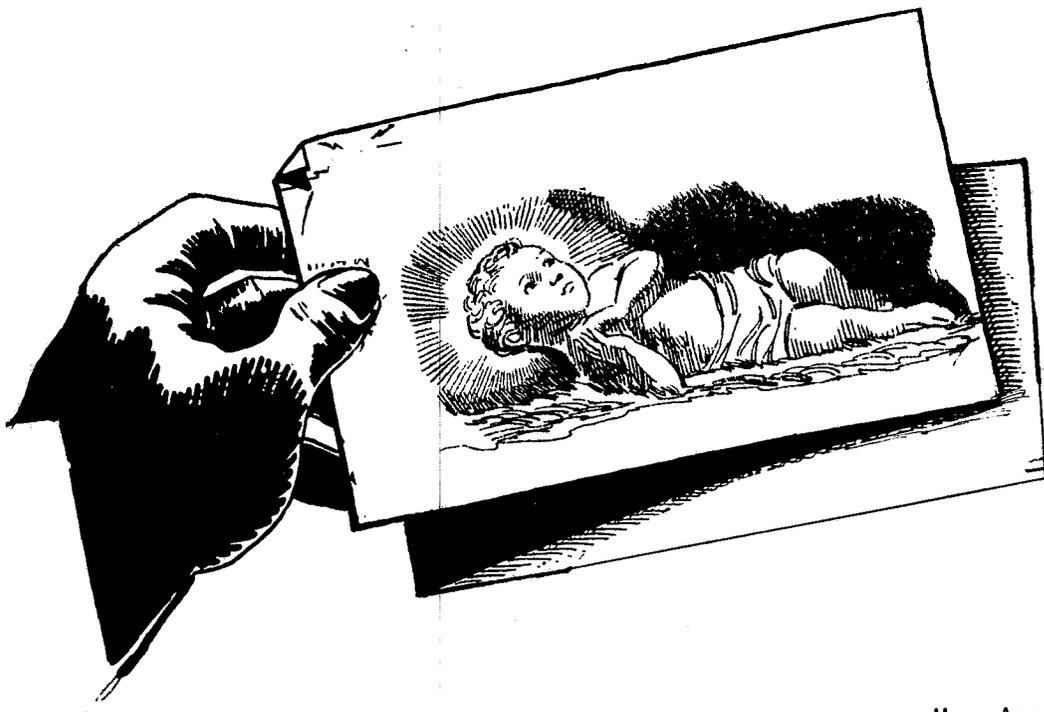




O
D
E
S
T
R
A
V
A
D
O
R

© 2015 by the artist. All rights reserved. www.artists.com

Das leitores



"...Acabo de ler "O Desbravador".
Maravilhoso..."

LUCIANA RITA S. P. DO NASCIMENTO
SÃO PAULO - SP

"...Quero agradecer de todo meu co-
ração os envios desta tão valiosa re-
vista, que tem feito tão bem a nossas
almas. Que Nossa Senhora continue aben-
çoando a todos vocês e que Ela não dei-
xe nunca acabar esta revista..."

NEUSA DE COUTO SENRA
BELO HORIZONTE - MG

"...Viva Cristo Rei!..Venho pe-
dir aos senhores que me enviem regular-
mente o jornal, "O Desbravador"..."

ODAIR JOSÉ MENEGOTTO
TUPÁSSI - PR

"...Desde que recebi o primeiro e-
xemplar de "O Desbravador" verifiquei
que se tratava de uma publicação Catôli-
ca de boa cepa. Não há dúvida que é pu-
blicação que "visa aprimorar a Fé de
uns, reavivar a de outros, em suma é
uma publicação de caráter apostólico..
Ofereci os dois exemplares que me foram
enviados à Matriz de minha Paróquia..."

JAYME LEAL COSTA FILHO
RIO DE JANEIRO - RJ



O DESBRAVADOR

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

PADRE JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
JAIR AGENOR RIBEIRO

SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGELICO"

REDAÇÃO

PADRE SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON. R. DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUFINO

EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
MOACIR ANDRADE DE PAULA
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 - SÃO PAULO SP



EDITORIAL

Nossa capa mostra a cena do encontro do Menino Jesus no Templo aos doze anos, a discutir entre os doutores, por Nossa Senhora e São José.

Nessa oportunidade o Divino Infante nos deu algumas magníficas lições. Assim, ao ser indagado porque ficaria três dias distante de Maria Santíssima e São José, respondeu: "Para que me buscáveis? Não Sabieis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai". Com esta sublime afirmação que São Lucas narra em seu Evangelho, Nosso Senhor mostra que as coisas do Céu devem ser primaciais, e devem ser o centro de nossas existências.

Mais adiante, o mesmo evangélista fala que Jesus era submisso à Santíssima Virgem e São José. Outro fantástico ensinamento: obediência a Nossa Senhora, e com isso diz o mesmo evangelista "Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens" (Lc 11, 52). Assim também devemos nós ser submissos a Nossa Senhora. Se quisermos imitar perfeitamente Nosso Divino Salvador, devemos ser obedientes a Maria Santíssima e com isso nós também cresceremos, no mais profundo sentido diante de Deus e dos homens.

São Luiz Maria Grignon de Mont Fort chega a dizer que Nosso Senhor em sua obediência a Maria deu mais glória a Deus do que se passasse o tempo

de sua vida oculta a converter os povos. Repetimos: se quisermos imitar perfeitamente a Nosso Senhor, devemos seguir os magníficos ensinamentos que Ele nos deu no Templo de Jerusalém. Cuidar das coisas do Pai Celestial e sermos obedientes à Virgem Maria.

Nós temos certeza que nessas duas coisas estão as soluções para tantos problemas quer pessoais, quer da soriedade. Ou não é verdade que os homens estão hoje, em sua maioria, desorientados, angustiados, frustrados, vazios? E não é também verdadeiro o fato que o mundo está mergulhado num turbilhão de erros: alta criminalidade, abortos, drogas, homossexualismo, pornografia, crise familiar, etc?



Que melhor remédio, então, que seguir as lições que o Menino Jesus nos transmite no Templo? Peçamos a Nossa Senhora, que com enorme dor procurou a Jesus por três dias, até encontrá-Lo entre os doutores, que nós também o procuramos incessantemente em Nossa vida e sigamos os maravilhosos ensinamentos que Ele nos deu ao ser encontrado: Cuidar das coisas do Pai Eterno e obedecer com submissão a Maria Santíssima.

A TODOS NOSSOS LEITORES, AMIGOS, COLABORADORES UM SANTO NATAL. A TODOS, OS NOSSOS VOTOS DE QUE ESTE NATAL SEJA PASSADO NA GRAÇA DE DEUS, NO AMOR A MARIA SANTÍSSIMA. A TODOS O DESEJO QUE TODOS FAÇAM UMA CONFISSÃO NESSA OCASIÃO E UMA COMUNHÃO ABENÇOADA. A TODOS OS SINCEROS VOTOS QUE ISSO SEJA UM INÍCIO QUE CONTINUE PELO ANO VINDOURO E SE PROLONGUE POR TODA A VIDA.

Ó que saudades eu tenho, Da aurora da minha vida, Da minha infância querida...

Quanto de verdadeiro tem as palavras acima do poeta Casimiro de Abreu. Na verdade elas refletem a lembrança imorredoura da inocência que acompanha a infância e a tristeza pela sua perda.

Sim, o homem, cresce, torna-se adulto, fica famoso, ganha dinheiro, obtém os mais diferentes prazeres, mas fica, malgrado tudo isso, profundamente insatisfeito. E, quanto mais o homem se envolve com honras, riquezas, vida regalada, etc. mais ele sente dentro de si um vazio, uma tristeza, um sentimento de perda que mais se aprofunda com o passar dos anos e com o envolvimento do ser humano com as coisas deste mundo.

E é na hora da tristeza, quando para e pensa, que lhe vem à mente as maravilhas da infância e que foram deixadas no passado e jogadas como que em um baú de coisas que não servem para nada, mas que, em verdade são tesouros de valor inestimável.

A velha mãe a ensinar o filho a rezar, a Primeira Comunhão, as brincadeiras inocentes, as comemorações dos meses de maio em louvor a Nossa Senhora, a cartinha do dia das mães, e de um modo especial, os Natais.

Sim, se todas essas lembranças são imperecíveis, há uma que é muitíssimo mais forte: os velhos Natais. Quem teve, como quem escreve estas linhas teve, a graça de comemorar um Natal verdadeiramente Católico, jamais conseguirá ter apagada de sua memória a maravilhosa impressão que disso ficou. As filas para Confissão, os magníficos presépios, os cânticos tradicionais, a Solene Missa do Galo à Meia Noite em Canto Gregoriano, as festividades nas casas, a alegria pelo Nascimento do Menino Jesus, são coisas para nunca se esquecerem.

Quando então pensa nessas cenas sublimes da meninice o homem moderno, imerso no lodaçal de nossos tempos tem, então, uma como que angústia, um como que amargor, enfim, uma saudade imen-

sa que toma conta da pessoa e tem vontade de chorar, pelos tesouros que perdeu e que julga estarem perdidos para sempre. Que fazer então? Não há saídas para isso?

Nosso Senhor nos mandou que nos convertêssemos e nos tornássemos como as crianças. Eis aí a solução, eis o remédio para a tristeza que o homem sente e que parece não ter cura. Há cura sim: seguir o que Nosso Salvador disse. Convertermo-nos e nos tornarmos como as crianças. Isso significa em primeiro lugar, mudança de vida e isso passa por largarmos o pecado e limparmos nossa alma por uma ótima confissão de nossos pecados a um Padre. Em segundo lugar imitarmos as crianças. Não que tenhamos de pular corda, ou jogar bolinhas de gude, mas sermos em nosso coração puros como as crianças e em nossas atitudes inocentes como elas.

Isso tudo pode parecer difícil e complicado. Mas, eu garanto a vocês que se recorrermos a Nossa Senhora, Ela nos concederá, principalmente nesse tempo de Natal a graça de restaurar aquilo que o pecado destruiu em nós. Peçamos a Nossa Mãe Celestial esse presente de Natal, Maria Santíssima no-lo dará.



SÃO VICENTE

Um dos reis gloriosos mártires da Espanha é, sem dúvida, o insigne diácono S. Vicente.

Eram tempos de perseguições, ano de 303, por decreto de Diocleciano, Valério, bispo que educara e formara Vicente, e muitos outros cristãos, foram levados à presença do procônsul Daciano. Antes, porém, passaram por maus tratos e terríveis dias de prisão, no abandono e na fome. Queriam assim que enfraquecidos, mais facilmente fossem vencidos na fé.

Quando da prisão saíram e foram apresentados para o julgamento, estavam até mais bem dispostos e corados. Disse-lhes o procônsul: "Os imperadores de Roma querem, no seu domínio, o culto aos deuses, entre os quais, o grande Diocleciano que merece ser adorado em vista de seus heróicos feitos. Oferecei, pois, àquela sua estátua o incenso que aqui tendes.

Vicente, com permissão de seu pai espiritual, o bispo Valério, assim respondeu: "Estes tais deuses sejam para ti, ó procônsul; adora-os e oferece-lhes incenso em seu obséquio nós somos cristãos e adoramos somente ao Espírito Santo, a Deus Pai e a seu Filho Unigênito,

três pessoas distintas em um só Deus verdadeiro, a quem oferecemos o incenso puro das nossas almas, com a resolução firme de sacrificar por ele as nossas vidas, entre os maiores tormentos se for preciso."

Ouvindo isto, Daciano mandou que o velho bispo fosse enviado para um deserto. Em seguida ordenou que Vicente fosse despido, suspenso pelos braços e amarrado em uma coluna e assim fosse açoitado com o maior rigor possível. Os soldados em poucos minutos o deixaram banhado em sangue. Ele, porém, com o rosto alegre dizia ao procônsul: "Maior é a pena que tu sofres no coração do que a dor que eu sinto no meu corpo com a inutilidade de teus tormentos."

Enfurecido, Daciano, em pessoa, tomou da mão dos verdugos os sanguinolentos flagelos e com eles batia nos próprios verdugos chamando-os de preguiçosos e fracos. Incitando-os depois a prosseguir o tormento, eles o fizeram com tanta atrocidade que seria impossível viver o paciente sem a assistência divina. Não contentes, rasgaram com unhas de ferro as suas carnes, até que não aguentando mais, não puderam continuar a maltratá-lo.



Disse então, Daciano: "Descansa um pouco e depois tornai a feri-lo com maior rigor. O santo, então, lhe diz: "Desvela-te em procurar novos tormentos, pois, deves ter entendido que tão pouco te valeram os antecedentes. Na verdade te enganas, pensando que me afliges fazendo padecer o meu corpo que é frágil e da terra. Outro homem há em mim, em minha alma, que fica sempre intacto e despreza os teus tormentos e sofre com alegria..."

Vendo Daciano inúteis as suas tentativas propôs ao mártir que lhe entregasse os livros onde está explicada a sua religião e depois o soltaria, contentando-se em queimá-los e vingar neles deste modo os grandíssimos males que causavam a todo o império.

O santo mártir recusou. Daciano mandou que o tirassem da coluna e o passassem para um leito de ferro em forma de grelha cujas barras estavam, de espaço em espaço, armadas de pontas agudas. O valoroso Vicente, movido pelo Espírito Santo, deitou-se por si mesmo naquela cama de ferro cujas pontas lhe penetraram o corpo, e os algozes lhe puseram por baixo fogo lento para que a dor fosse mais sensível; e para que o martírio fosse mais completo, pela parte de cima, com lâminas de ferro em brasa o queimavam.



Confuso, Daciano, de o ver ainda nestes tormentos, com ânimo alegre e sereno, mandou que despido como estava lhe amarrassem os pés e o estendessem no chão semeado de cacos de telhas, para que assim não tivesse nenhum descanso em seus membros. Assim ficou o santo vários dias na dura prisão. As trevas que a envolviam desapareceram logo por uma luz misteriosa que veio do céu, e do ambiente saía suavíssimo perfume, como se estivesse coberto de rosas. Os Anjos vieram celebrar a glória do santo Mártir. O perfume

sentia-se de fora. Os guardas, então, abriram as portas, e muitos cristãos que vieram à noite para verem o que tinha sucedido ao glorioso mártir, presenciaram todas estas maravilhas. Toda a cidade ficou ao par destes prodígios.

Daciano, ouvindo isto, tremia de espanto. Mandou então uma cama bem macia para aliviar o santo. Apenas o colocaram nela, entregou sua alma a Deus.



Querendo o tirano vingar ainda daquele corpo morto, mandou que fosse atirado nas águas imundas de uma lagoa, fora da cidade, para que ali, devorado pelas feras e pelas aves de rapina, por completo se extinguisse a sua memória.

Mas um corvo enviado pelo céu, prodigiosamente o defendeu. O cruel Daciano, sempre incansável em perseguir o santo, mandou que encerrado em um couro de boi, com uma grande pedra, fosse lançado ao mar. O que foi feito por um marinheiro chamado Eumorfo, o qual ao sair da barca, vendo que primeiro do que ele, chegara o mesmo corpo à praia, sem nada fazer e com medo, ali o deixou, onde a ressaca do mar e o vento, movendo a areia, sem demora o cobriram.

Apareceu, depois, o santo, a uma piedosa viúva, dizendo onde se achava o seu corpo. Espalhou-se a notícia e várias pessoas tiraram o corpo. Mais tarde, foi levado para uma pequena ermida, no Promontório de Algarve, que hoje se chama Cabo de São Vicente. Mais tarde, foi levado para Lisboa, por ordem do famoso rei, D.Afonso Henriques.





*um vale extensíssimo
e uma alta colina*

SONHO DE DOM BOSCO

Tarde de 04/05/1875. Eis-me a manter a minha promessa. Sabeis que os sonhos se têm dormindo. Avizinhando-se, então, o tempo dos Exercícios Espirituais, pensava eu no modo com que o fariam os meus meninos e que lhes deveria sugerir para tirarem fruto dele. Fui deitar-me com esse pensamento na noite do domingo, 25 de abril, véspera dos Exercícios. Mal deitara, adormeci e pareceu-me estar completamente só em um extensíssimo vale. De ambos os lados havia uma alta colina. No fundo, de um lado, elevava-se o terreno e aí emitia seus raios uma luz clara; do outro lado o horizonte estava semi-escuro.

Um bellissimo e brioso cavalo.

- Estando a contemplar a planície, vi dirigirem-se ao meu encontro Buzzetti e Gastini que me disseram: - D.Bosco, monte a cavalo. Logo, logo!

Mas eu: - Quereis brincar comigo. Bem sabeis que já há muito tempo não ando a cavalo! - Os dois jovens insistiram, eu, porém, tirava atrás, repetindo: - Não quero andar a cavalo, porque andei uma vez e cai.

Buzzetti e Gastini, sempre com maior solicitude instavam comigo, dizendo: - Monte, e logo, porque não temos tempo para perder.

- Mas, afinal, quando tiver montado, aonde me quereis levar?

- Há de ver. Faça-o, depressa; monte.

- Mas onde está o tal cavalo? Aqui não estou vendo nenhum!

- Ei-lo lá! - bradou Gastini apontando-me um lado do vale. Com efeito, voltei-me para aquela banda e vi um soberbo e bellissimo cavalo. Tinha as pernas altas e fortes, a crina espessa e o pêlo muito luzidio.

- Está bem, disse, já que quereis que eu monte, montarei; mas, atenção, porque se me fizerdes cair...

- Pode estar sem medo, responderam, nós estamos aqui com o Senhor, prontos para qualquer eventualidade.

- E se eu quebrar o pescoço, disse a Buzzetti, terás de pô-lo no lugar.

Buzzetti começou a rir. - Não é mais tempo de rir - sussurrou Gastini. Entrementes nos achegamos do cavalo. Subi-lhe no lombo com muito custo, ajudado por eles; mas finalmente, eis-me na sela. Como então me pareceu alto o cavalo!

Tinha a impressão de estar como que sobre um alto morro, do qual dominava todo o vale, até aos seus extremos.



O país da prova. - Eis senão quando o meu cavalo se move e aqui nova admiração. Parecia encontrar-me em meu quarto e perguntei a mim mesmo: - Onde estamos? Via entrar para ter comigo padres, clérigos e outras pessoas. Todas espantadas e aflitas.

Depois de um pouco de caminho o cavalo parou. Então vi chegarem-se para mim todos os padres do Oratório com muitos clérigos que fizeram um círculo em volta do cavalo.

Entre eles notei o Pe.Rua, o Pe.Calhero e o Pe.Bolonha. Chegando, puseram-se firmes, de pé, a contemplar tamanho cavalo em que me assentava. Mas ninguém abria a boca. Vi-os todos com um ar melancólico que demonstrava uma perturbação como nunca tinha visto.

Chamei o Pe.Bolonha e lhe disse: - Padre Bolonha. Tu que estás na portaria, saberias dizer-me que há de novo em casa? Por que vejo em todos uma perturbação tão grande?

E ele: - Eu não sei onde estou... que faço. Estou atrapalhado... Veio gente, falou, saiu a portaria está uma confusão. Gente que vai; gente que vem. Não entendo mais nada...

- Mas será possível, ia dizendo, que hoje haja de acontecer algo fora do comum?

Uma trombeta. - Neste comenos alguém trouxe e deu-me uma trombeta, dizendo que ficasse com ela porque iria servir-me.

Perguntei: - Onde estamos?

- Assopre na trombeta!

Assoprei e ecoou esta voz: "Estamos no país da prova".



Milhares de jovens armados...

- Depois viu-se descer da colina tal número de jovens que penso fossem uns cem mil para mais. Ninguém falava. Todos armados com um forcado avançavam em direção ao vale, apressados.

No meio deles vi todos os meninos do Oratório e dos outros nossos colégios e muitíssimos outros que nem conhecia.

... e um número imenso de monstros ferozes...

Logo de um lado do vale começou a escurecer-se de tal modo o céu que parecia noite. E apareceu um imenso número de animais que se assemelhavam a leões e tigres. Esses monstros, gordos, de patas robustas e pescoço comprido, tinham a cabeça pequena. Os focinhos punham medo. Com os olhos vermelhos, fora das órbitas, atiraram-se contra os meninos que, vendo-se atacados, se puseram em defesa.



O forcado de duas pontas... - Tinham na mão um forcado de duas pontas que antepunham aos dois monstros, levantando-o ou abaixando, conforme o assalto dos mesmos.

Os monstros não podendo vencer no primeiro ataque, mordiam o ferro do forcado, quebravam-se-lhes os dentes, e desapareciam. Havia alguns que tinham o forcado com uma só ponta e esses ficavam feridos.

Outros o tinham com o cabo quebrado ou carunchado. E ainda outros presunçosos atiravam-se contra os animais, sem arma alguma e eram vítimas e não poucos morriam. Muitos o tinham com um cabo novo e com duas pontas.

No princípio o meu cavalo foi circundado por uma quantidade enorme de serpentes. Mas com saltos à direita e à esquerda as esmagava e afugentava enquanto crescia a uma grande altura ia cada vez mais aumentando.

Que significam as duas pontas?

- Perguntei que significavam aqueles forcados com duas pontas.

Foi-me trazido um e vi escrito sobre uma das pontas: Confissão. E sobre a outra: Comunhão.

- Mas que é que significam as duas pontas?

- Assopre na trombeta.

Assoprei e saiu esta voz: - "Confissão e Comunhão bem feitas". Assoprei de novo e saiu esta outra: Cabo quebrado "Confissão e Comunhão mal feitas".



Cabo carunchado:

Confissões defeituosas.

Acabado este primeiro assalto dei a cavalo um giro pelo campo de batalha e vi muitos feridos e muitos mortos. Alguns reparei em que jaziam por terra mortos mas estrangulados, com o pescoço deformemente inchado. Outros com o rosto deformado de modo horrível. Outros mortos de fome, bem que tivessem pertinho um prato de belos confeitos. Os que estavam estrangulados são os que tendo a desgraça de cometer, em pequenos, algum pecado mortal, nunca o confessaram. Os que tinham o rosto disforme são os gulosos. Os que estavam mortos de fome são os que vão confessar-se, mas, não põem por obra os avisos e as admoestações do Confessor.

Perto de cada um dos que tinham o cabo carunchado, estava escrita uma palavra. Um tinha escrito: Soberba; outro Preguiça; um terceiro Imodéstia etc.

É digno de nota também que os meninos, enquanto caminhavam, passavam por cima de um tapete de rosas e iam contentes; mas, dados alguns passos, soltando um grito, caíam mortos ou ficavam feridos, porque por debaixo das rosas estavam os espinhos. Outros, porém, pisando aquelas rosas corajosamente faziam estrada por cima delas, animando-se uns aos outros e cantavam vitória:



Vitória! Vitória! Novamente embruscou-se o céu e num instante apareceu uma quantidade daqueles animais superiores aos da primeira vez; mas tudo em menos de três ou quatro segundos. Também o meu cavalo foi rodeado por eles. Os monstros cresceram de maneira descomunal, de tal modo que até eu principiei a ter medo. Já me parecia estar arranhado pelas suas patas. Eis que em boa hora foi-me trazido um forcado. Comecei, então, também eu a combater e os monstros foram postos em fuga. Sumiram-se todos, porque quando vencidos ao primeiro ataque não mais apareciam.

Então assoprei na trombeta e no vale retumbou um grito: - Vitória! Vitória!

- Mas como vencemos, disse, se há tantos feridos e até mortos?





Um arco-iris. - Assoprei na trombeta e ressoou essa voz: - Tempo aos vencidos. Em seguida o céu de negro que estava se tornou sereno, viu-se um arco-iris, tão belo, com tantas cores que se não pode descrever. Era tão largo, como se se apoiasse em Superga e fazendo um arco fosse pousar sobre o Cenis. Devo ainda, chamar a atenção para o fato de que os vencedores tinham na cabeça coroas tão rutilantes, com tantas e tais cores, que era uma maravilha vê-los. E mais ainda: seus rostos resplandeciam de uma beleza maravilhosa.

Uma nobilíssima Senhora regamente vestida. - Lá pelo fundo, em uma banda do vale e no meio do arco-iris, viu-se uma espécie de orquestra, na qual se via tanta gente tão cheia de júbilo e com tantas belezas que não se pode nem imaginar. Uma nobilíssima Senhora, vestida regamente, aproximou-se do parapeito daquela sacada, bradando: Meus filhos, vinde; refugiai-vos debaixo de meu manto. Naquele instante distendeu-se um amplíssimo manto e todos os meninos correram debaixo dele.

Só que alguns voavam e tinham escrito na fronte: Inocência. Outros caminhavam e outros se arrastavam. Também eu pus-me a correr e naquele movimento rápido que não durou mais de meio segundo, disse de mim para comigo mesmo: - Ou isto deve acabar ou se continua ainda um pouco morreremos todos. - Dito isto, enquanto corria, despertei.



Convosco não faço mistérios... A tarde passada não pude dizer tudo por causa de um hóspede que estava presente. Estas coisas fiquem entre nós. Não se escrevem nem para os parentes nem para os amigos. Convosco não faço mistérios; digo até os meus pecados: o vale, o país da prova é este mundo. O lugar semi-escuro é o lugar da perdição. Os dois outeiros são os Mandamentos da lei de Deus e da Santa Igreja. As serpentes são os demônios. Os monstros as más tentações. Aquele cavalo, parece-me que significa o cavalo que espancou Heliodoro e é a confiança em Deus. Os que passavam sobre as rosas e tombavam mortos são os que se entregam aos prazeres deste mundo, os quais dão a morte à alma. Os que pisavam as rosas são os desprezadores dos prazeres do mundo e saem vencedores. Os que voavam para baixo do manto são os inocentes...

Continua a explicação... Os que se iam arrastando e que quase nunca chegavam sob o manto de Nossa Senhora, são os apegados aos bens desta terra. Tendo um coração egoísta, não pensam senão em si mesmos. Por si mesmos se mancham e não são mais capazes de arrojarse para aquilo que é do céu. Vêm que Maria Santíssima os chama, quereiam ir, dão alguns passos mas a lama os atrai. E assim acontece sempre. Nosso Senhor diz: Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração. Os que se não elevam para os tesouros da graça põem o próprio coração nas coisas da terra e já não pensam senão em gozar, fazer-se ricos, prosperar nos negócios e adquirir fama. E para o céu, nada...



Ví ontem um bicho
na imundície do pátio
catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa
não examinava nem cheirava:
engolia com voracidade.
O bicho não era um cão
não era um gato
não era um rato.
O bicho, meu Deus! Era um homem.
(Manuel Bandeira)

Em São Paulo era noite, e chovia. Sujo, repugnante, lambuzado com restos de comida azeda, o bicho que cheirava a esterco e cachaça, coberto de moscas e roído de vermes, atravessou a praça debaixo da chuva, procurando abrigo sob o portal da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Impelido pelo vento que o fustigava, o bicho entrou. Lá dentro tudo eram luzes e risos, pois os homens assistiam à Missa de Natal. Temendo ser descoberto e expulso, ele instintivamente procurou se esconder. Há nessa igreja, perto da entrada, um canto escuro com dois grandes confessionários. Foi para dentro de um deles que o bicho se esgueirou, se enroscou, e dormiu.

Horas depois, quando acordou, estava tudo escuro e silencioso. Os homens se haviam ido para suas casas, e ele ficara ali, fechado por um sacristão sonolento, condenado a passar dentro da igreja aquela Noite de Natal.

Arrastou-se para fora do confessionário. Tateando, seus dedos sujos encontraram um interruptor. E um lustre de cristal se acendeu, sobre o nicho que fica ao lado do confessionário, onde um bellissimo grupo de imagens representa a cena do encontro do Menino Jesus no Templo.

O homem-bicho piscou os olhos, deslumbrado, e um sorriso triste apareceu em seus lábios gordurentos. Sentado na ponta de um banco e coçando as pernas, ele aos poucos foi se recordando de tantas outras vezes que estivera ali, parado diante daquela mesma cena. Pois ele sempre vivera naquele bairro. Pois houvera outros tempos em que ele ainda não era um bicho... Pois houvera, antes desse, muitos outros Natais...

OS ENCONTROS NO TEMPLO



O Menino

Tinha onze anos, e guardava na alma a inocência do batismo, e os fervores de sua Primeira Comunhão. Entrara correndo na igreja, para chegar mais rápido à quadra da escola ao lado, onde o aguardava uma partida de futebol. Mas se detivera diante do Menino. E disse a Jesus que também ele, menino, queria "se ocupar nas coisas que são serviço do Pai". Como sempre fazia, renovou as promessas de sua Comunhão. E como sempre fazia, terminou jogando um beijo a Nossa Senhora, antes de prosseguir em sua corrida...

São José

Sete anos depois, não havia alegria, mas preocupação. Entrou meio envergonhado, olhando para os lados, temeroso de ser visto por algum colega. Não ousou olhar o Menino, e se dirigiu a São José, àquele moço que recebera a missão de proteger Jesus, que ficara tão preocupado e aflito quando, sem culpa sua, o perdera. Ele também era um moço que havia perdido o Menino. Arrastado por outros interesses, envolvido pela sensualidade, havia deixado sua Inocência lá para trás, em alguma parte do caminho. E agora sentindo sua falta, fizera como São José e a viera procurar no templo. E a encontrara! Ajoelhado, pedia a São José que lhe desse a graça de fazer uma boa confissão, uma confissão regeneradora, que lhe permitisse novamente encarar o Menino e sua Mãe...

O doutor da Arrogância



Aos 25 anos e depois de uma longa ausência, entrara de chapéu na cabeça para acintosamente pregar nas colunas do templo um manifesto do Partido Comunista. Agora ele achava que a religião era o ópio do povo, e que todos os padres eram agentes do imperialismo encarregados de espalhar a ignorância e a superstição. Mas isso brevemente iria terminar. O futuro pertencia

ao Partido! E aquele templo, que até então fora o antro do obscurantismo, iria servir de imenso auditório, onde os proletários seriam instruídos nos princípios de Lenin e de Marx! Empolgado, ainda pensou em lançar o martelo contra a figura do Menino, mas alguma coisa o impediu... E quando viu aparecer lá na frente um velho padre que fora seu professor, fugiu precipitadamente, largando martelo e panfletos no chão.

O doutor da Ganância



Entrara para assistir ao casamento da filha de seu patrão. Havia uma vaga para o cargo de gerente numa das filiais, e ele jurara que essa vaga seria sua. Para isso, havia habilmente caluniado os outros possíveis candidatos. Para isso oferecera propinas, em troca de apoio e indicação. Para isso se havia filiado à mesma loja maçônica que seu chefe frequentava. Para isso enfrentava os debiques dos colegas que o chamavam de bajulador. Para isso até mesmo voltara a entrar naquela igreja. De pé, ao lado do altar, seu olhar fixou um breve instante o rosto da Virgem: "*Meu filho, porque procedeste assim conosco?*" Mas foi somente um instante muito curto. Logo se voltou para interesses maiores. E, dando uma cotovelada em um colega, correu a colocar-se ao lado do patrão.

O doutor da Dúvida



Quando a empresa começou a ir mal, ele foi um dos primeiros a ser demitido. Angustiado, pois já não era jovem, teve de aceitar um empreguinho qualquer. Vendera seu automóvel e sua casa. E agora, aos 39 anos, entrara novamente na igreja, para assistir à missa de Sétimo Dia pela alma de sua mãe. Estava confuso e aflito, pois nada "dava certo" em sua vida. Sua esposa o havia abandonado. Seu filho estava envolvido com drogas. E agora, sua mãe, que lhe ajudara e aconselhara tanto, falecia! Não era para desesperar qualquer um? No entanto, ele via, lá na frente, a serenidade com que sua irmã assistia à Missa. Sua irmã, que passara por problemas ainda maiores que os dele, mas que nunca se abalava com nada, porque sempre encontrava forças em Deus. E ele se perguntou: "Será que, no final das contas, não é a minha irmã que tem razão?" Seu olhar novamente se voltou para a imagem de Nossa Senhora. Pensou: "talvez essa Mãe que perdeu o Filho possa entender e ajudar este filho que perdeu a mãe". E meio desajeitado, chegou um pouco mais perto daquele altar.

O doutor do Enlêvo



As vezes o sacristão ficava um pouco irritado com a algazarra de todos aqueles meninos ali, bem dentro da igreja. E vinha dizer a êle: "por que o senhor não vai dar catecismo no pátio? Lá eles podem fazer barulho à vontade!". Outra vantagem do pátio seria que eles ficariam longe das pessoas que entravam na igreja, e que às vezes estranhavam ver um homem de 46 anos, ainda vestindo seu macacão de trabalho, dando catecismo para um bando de meninos irriquietos, antes de voltar para a casa onde morava com o filho e a nora. O pátio tinha as suas vantagens, mas... era ali, ao lado daquele altar, que ele gostava de falar da Virgem, e do Menino que "progredia em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e dos homens".

O doutor da Obstinação



E quando tinha 53 anos de idade, o seu mundo desabou. Trêmulo de ódio ele estava ali, no fundo da igreja, olhando de longe aqueles quatro caixões que encerravam os corpos de seu filho, de sua nora, e de seus dois netinhos, estupidamente mortos dentro do automóvel por um caminhoneiro bêbado. O padre o advertira de que, se ele não estivesse disposto a perdoar o assassino, não poderia comungar. Por isso ficara ali no fundo. Porque odiava o caminhoneiro e desejava sua morte. Porque odiava o padre. Porque odiava a Deus que havia permitido - permitido não, planejado! - que aquilo sucedesse. E sem esperar que a cerimônia terminasse, e sem olhar nem de relance para o nicho do Encontro, ele voltou as costas, e saiu da igreja, com a intenção de nunca mais voltar.



O trapo

Não foi ao enterro, não voltou para casa, não voltou ao trabalho. Ficou pelas ruas, largado. Muitos amigos o tentaram ajudar, mas sua obstinação, sua grosseria e sua violência acabaram afastando e desanimando até os mais dedicados. Com o tempo se tornou um vagabundo sujo e malcheiroso, um trapo humano de quem as crianças fugiam, e a quem os adultos apontavam com um misto de pena, de nojo e desprezo. Virou bicho, comendo restos de comida e bebendo restos de pinga. E durante sete anos não entrou em igreja alguma, até aquela noite, em que a chuva, o vento e a graça, aproveitando-se de sua bebedeira, o empurraram para ali, e o deixaram trancado, diante daquele nicho iluminado que era o resumo de sua vida. Sua vida que podia ser contada pela série de Encontros que tivera com o Menino...

Depois de tanto sofrimento, não sentia mais ódio por ninguém. Apenas uma lassidão, um cansaço muito grande. E uma enorme incompreensão: Por que tudo teria que terminar assim? Por que Deus, que sabia do seu amor por seu filho, sua nora e seus netos, deixara aquilo acontecer?

A Senhora

E então ele viu naquele conjunto de imagens algo em que nunca antes prestara atenção. Era a atitude da Mãe em relação ao Menino. Aquela mão estendida, querendo tomar conta, mas ao mesmo tempo respeitando... e aquele olhar! Aquele olhar de Mãe que ama perdidamente, apaixonadamente, absolutamente... Sem que os olhos da Virgem se desviassem do Menino, ele sentia que aquele olhar o traspassava, e lhe dizia: "E você acha que eu não amava meu Filho? Você acha que Ele mereceu ser pregado na cruz? No entanto, eu aceitei, e até quis a vontade de Deus. Por que você não A aceita também? Por que você não reza: "faça-se em mim segundo a vossa vontade", como eu rezei? Isso nos aproxima tanto... Por que não aceitar mais esse encontro com meu Filho e comigo?"

E ele compreendeu. Ajoelhou-se, chorou, rezou e aceitou. E quando o dia de Natal amanheceu, o encontrou de novo dentro do confessional. Não era mais um bicho. Era um homem feliz, que aceitava e queria a vontade de Deus.



AJUDE

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, a mável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAÚ:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SF

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO - SÃO PAULO - SP

DISCÍPULOS DE HERODES

Um sinistro personagem do Novo Testamento é Herodes, que quis matar o Menino Jesus e fez matar aos santos inocentes. Desgraçadamente este homem cruelíssimo tem hoje inúmeros adeptos e seguidores, que são os anti natalistas, e em especial os abortistas.

Sim, há pessoas que a todo custo que rem implantar o controle da natalidade, e mais, há uma campanha declarada e aberta para que o aborto seja aprovado. Somente não nota esta campanha quem não quer ver. Assim, nos programas de televisão que tratam do assunto, em geral, são convidadas apenas pessoas que defendem o assassinato dos inocentes, ou então se algum anti-abortista é convidado, ou ele não é habilitado para debater o assunto, ou então não o deixam falar.

A coisa vai a tal descalabro que chegam a ser entrevistadas mulheres que falam despudoradamente que fizeram um aborto, ou médicos que diante das câmaras ensinam métodos abortivos, fato que é crime contra a lei dos homens e principalmente contra a Lei Divina.

Apesar dessa campanha abortista, a opinião pública continua contra a prática assassina. As pesquisas de opinião pública mostram que a maioria das pessoas não quer a legalização do aborto, a maioria vê nessa prática um ato ofensivo à vida humana e injustificável.

Infelizmente, nem a opinião pública, nem argumentos fazem os abortistas se calarem. Não conseguem refutar o arsenal de argumentações contra o aborto, e nem poderiam conseguir, pois não há argumentos em defesa desse crime monstruoso. Não tem a opinião pública a seu lado. Tem contra si a Fé e a razão. E, a-

pesar de tudo isso, continuam a repetir os seus furados jargões em sua sanha pelo assassinato das inocentes crianças. Alguns chegam a ponto de darem razão àqueles que combatem o aborto, mas, continuam a defender o horrendo crime.

Apenas para mostrar a falta de lógica dos abortistas, contaremos um fato. Recentemente num programa de televisão um defensor do aborto disse que não tinha nada contra aqueles que atacam o aborto, mas que cada um deveria ser livre. Quem fosse contra o aborto, não o praticasse, mas não impedisse que outros o fizessem. Seria o mesmo que dizer que quem não quiser roubar, não o faça, mas dê liberdade para o que deseja fazê-lo. Mais que isso. Quem visse uma velhinha ser espancada, uma criança ser maltratada, com justa razão se indignaria. Quanto maior não deve ser a indignação diante do assassinato de crianças que não podem se defender, não podem fugir do assassino, não podem chorar, gritar e pedir clemência para não serem mortas.

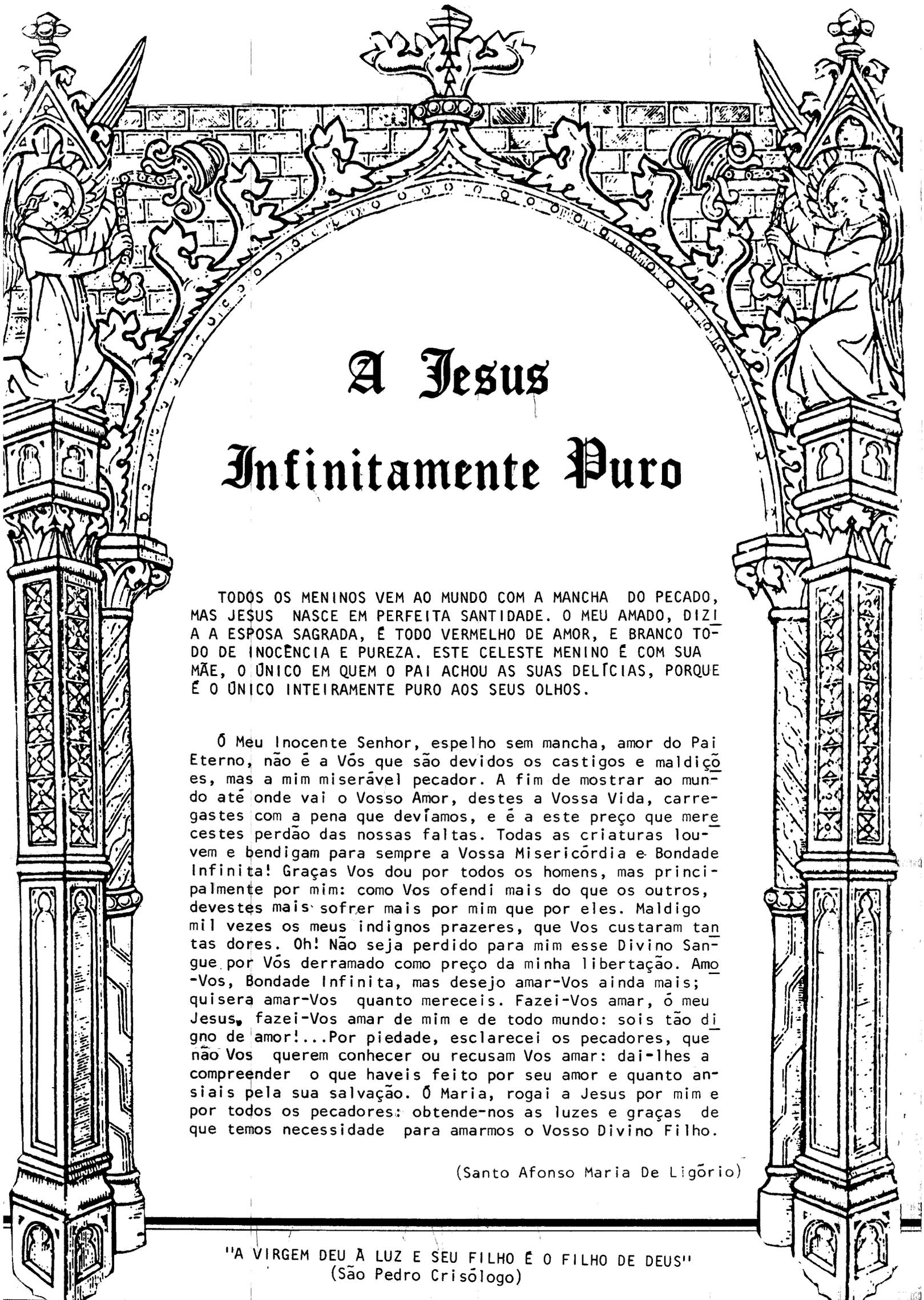
Isto mesmo. Devemos nos indignar ante o aborto. Devemos rezar para que seja extirpada da face da terra tal prática monstruosa. Devemos bradar contra ela. Devemos combater. Devemos lutar contra o aborto, seja em nível teórico, seja batalhando para impedir a morte de um único inocente. Não podemos nos calar. Não devemos nos calar e nem ficarmos calados ante esta ofensiva assassina.

Peçamos a Nossa Senhora que alcance para nós, do Menino Jesus, a graça de trabalhar incansavelmente em defesa dos inocentes, vítimas dos discípulos de Herodes.

SACERDOTES PARA SEMPRE

É COM IMENSA SATISFAÇÃO QUE A EQUIPE DE "O DESBRAVADOR" COMUNICA A ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE DOIS DE SEUS INTEGRANTES, DESDE O PRIMEIRO NÚMERO: OS PADRES JOSÉ HENRIQUE DO CARMO E SÁVIO FERNANDES BEZERRA. A CERIMÔNIA OCORREU EM 20 DE NOVEMBRO DE 1994, E OS NEO SACERDOTES FORAM ORDENADOS PELO BISPO DIOCESANO DE ANÁPOLIS - GOIÁS, DOM MANOEL PESTANA FILHO, EM CERIMÔNIA REALIZADA NO MOSTEIRO DA SANTA CRUZ, NAQUELA CIDADE. NA NOITE DO MESMO DIA 20, O PADRE JOSÉ HENRIQUE, E NA MANHÃ DO DIA 21, O PADRE SÁVIO PUDEAM CELEBRAR SUAS PRIMEIRAS MISSAS, DIZENDO PELA PRIMEIRA VEZ O "INTROÍTO AD ALTARE DEI".

PEDIMOS AS ORAÇÕES DE NOSSOS LEITORES PELOS DOIS NOVOS PADRES.



A Jesus Infinitamente Puro

TODOS OS MENINOS VEM AO MUNDO COM A MANCHA DO PECADO, MAS JESUS NASCE EM PERFEITA SANTIDADE. O MEU AMADO, DIZI A A ESPOSA SAGRADA, É TODO VERMELHO DE AMOR, E BRANCO TODO DE INOCÊNCIA E PUREZA. ESTE CELESTE MENINO É COM SUA MÃE, O ÚNICO EM QUEM O PAI ACHOU AS SUAS DELÍCIAS, PORQUE É O ÚNICO INTEIRAMENTE PURO AOS SEUS OLHOS.

Ó Meu Inocente Senhor, espelho sem mancha, amor do Pai Eterno, não é a Vós que são devidos os castigos e maldições, mas a mim miserável pecador. A fim de mostrar ao mundo até onde vai o Vosso Amor, destes a Vossa Vida, carregastes com a pena que devíamos, e é a este preço que merecestes perdão das nossas faltas. Todas as criaturas louvem e bendigam para sempre a Vossa Misericórdia e Bondade Infinita! Graças Vos dou por todos os homens, mas principalmente por mim: como Vos ofendi mais do que os outros, devestes mais sofrer mais por mim que por eles. Maldigo mil vezes os meus indignos prazeres, que Vos custaram tantas dores. Oh! Não seja perdido para mim esse Divino Sangue por Vós derramado como preço da minha libertação. Amo-Vos, Bondade Infinita, mas desejo amar-Vos ainda mais; quisera amar-Vos quanto mereceis. Fazei-Vos amar, ó meu Jesus, fazei-Vos amar de mim e de todo mundo: sois tão digno de amor!... Por piedade, esclarecei os pecadores, que não Vos querem conhecer ou recusam Vos amar: dai-lhes a compreender o que haveis feito por seu amor e quanto ansiáis pela sua salvação. Ó Maria, rogai a Jesus por mim e por todos os pecadores: obtende-nos as luzes e graças de que temos necessidade para amarmos o Vosso Divino Filho.

(Santo Afonso Maria De Ligório)

"A VIRGEM DEU A LUZ E SEU FILHO É O FILHO DE DEUS"
(São Pedro Crisólogo)